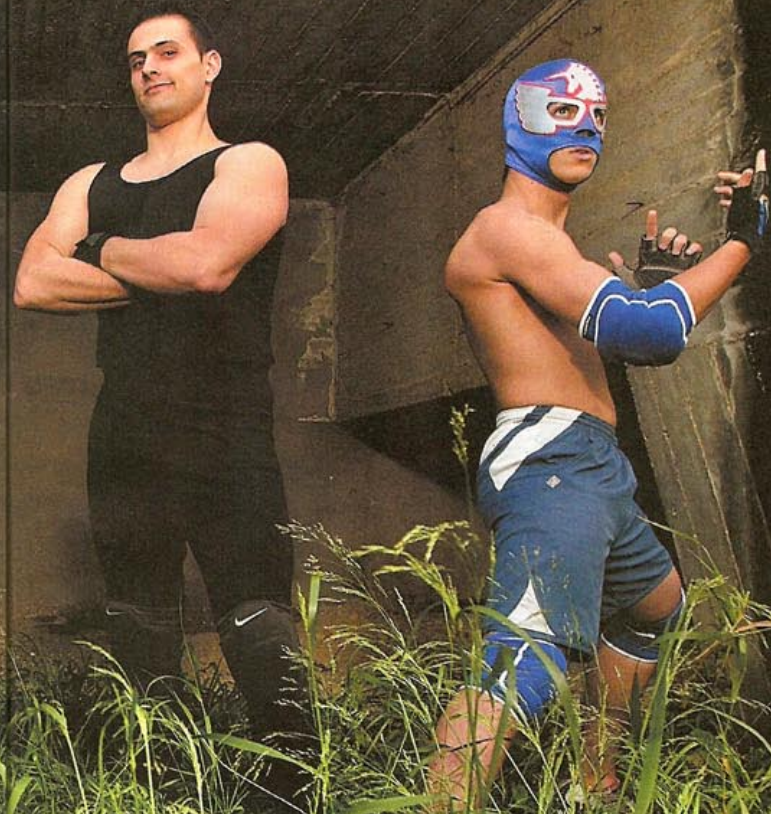
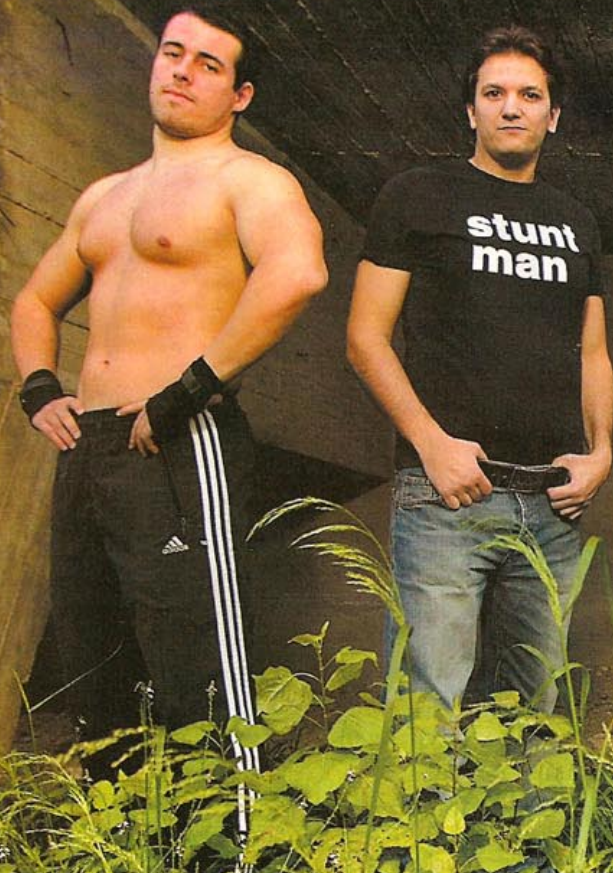


MODALIDADE // HERDEIROS DE TARZAN TABORDA// Texto João Bonifácio Fotografia Rui Goudêncio



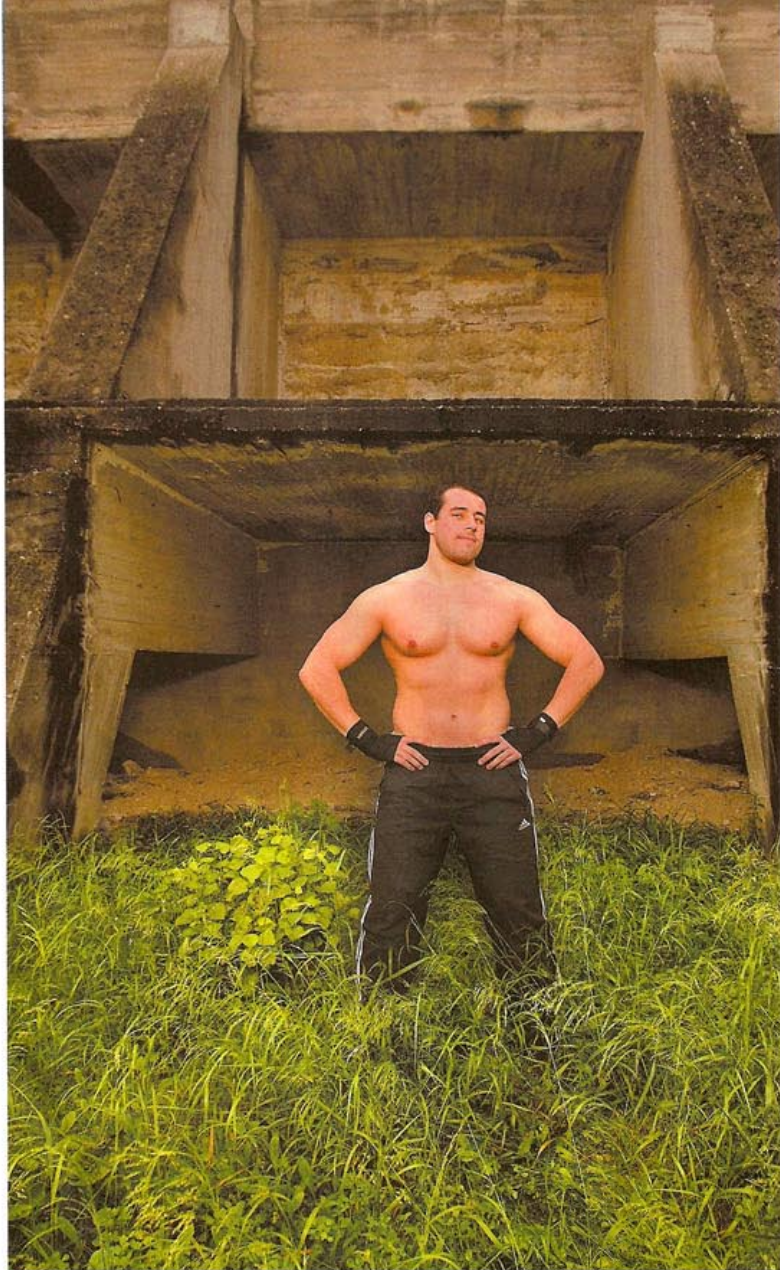
O WRESTLING PORTUGUÊS

As associações fazem-se e desfazem-se ao ritmo das amizades. As exibições podem acontecer em terraços de bares ou nas festas académicas. Ninguém é pago.

Há cinco anos, o actual director da SIC generalista e, à data, director da SIC Radical, Francisco Penim, resolveu pôr no ar emissões de luta "wrestling". Estava longe de imaginar que iria influenciar uma geração e criar aquilo que, para o mal e para o bem, é já uma moda: quando, às 20h de amanhã, os melhores representantes da WWE (World Wrestling Entertainment, a mais importante liga de "wrestling" americana) subirem ao palco propostadamente instalado no Pavilhão Atlântico, em Lisboa, vão encontrar as bancadas esgotadas. Quem as enche? Tudo: de putos pequenos aos pais dos putos, gente licenciada, adolescentes.

Penim não inventou a galinha dos ovos de ouro — antes cedeu aos milhares de "e-mails" que a SIC-R recebeu a pedir a transmissão das lutas da WWE. Aliás, há muito que nos Estados Unidos da América este é um negócio muito rentável: o campeonato da WWE tem, por estes dias, 4,5 por cento de "share" nos EUA. E em Portugal? O interesse cresce, já há bonecos com os grandes lutadores. DVD de "wrestling", "t-shirts". Mas a praticarem o "desporto" são poucos, muito poucos, estão longe de ser profissionais, estão longe de poder encenar um espectáculo ao nível da grandiosidade americana — e actuam praticamente sem condições.

Na semana em que Portugal recebe pela primeira vez as grandes estrelas da modalidade apresente-se o surpreendente perfil dos principais praticantes nacionais e faça-se o retrato da modalidade por cá. Aliás, convém começar por explicar por que razão se escreve "modalidade" e não "desporto": há 30 anos os profissionais americanos do "wrestling", uma forma de luta "livre" em que (quase) tudo é válido (é difícil perceber onde se traça a linha limite, mesmo que haja golpes convencionados), não podiam sequer pernoitar no mesmo hotel a bem da saudável concorrência desportiva. Mas com o tempo o factor entretenimento foi ganhando peso e hoje essa é →



BAMMER (BRUNO BRITO)

Tem 23 anos e é o melhor "wrestler" português — além de alimentar um dos mais populares blogues (www.wrestlingportugal.com). Começou aos 18 anos no quintal de Tarzan Taborda. Trabalha em marketing. Em Dezembro, com Pavão e Korvo, fez um curso em Portsmouth,

Inglaterra. Foram dez dias em que passaram 16 horas a treinar. Em Maio vai para uma academia no Canadá fazer um curso de três meses. "Se sobreviver a este curso, fico bem preparado para ser profissional." Treina pelo menos duas horas por dia. Chega a fazer

agachamentos durante três horas. Faz uma alimentação à base de proteínas e de hidratos de carbono. O seu golpe preferido: o "diving head butt", uma cabeçada em mergulho que implica ter o adversário deitado e voar-lhe para o ombro.



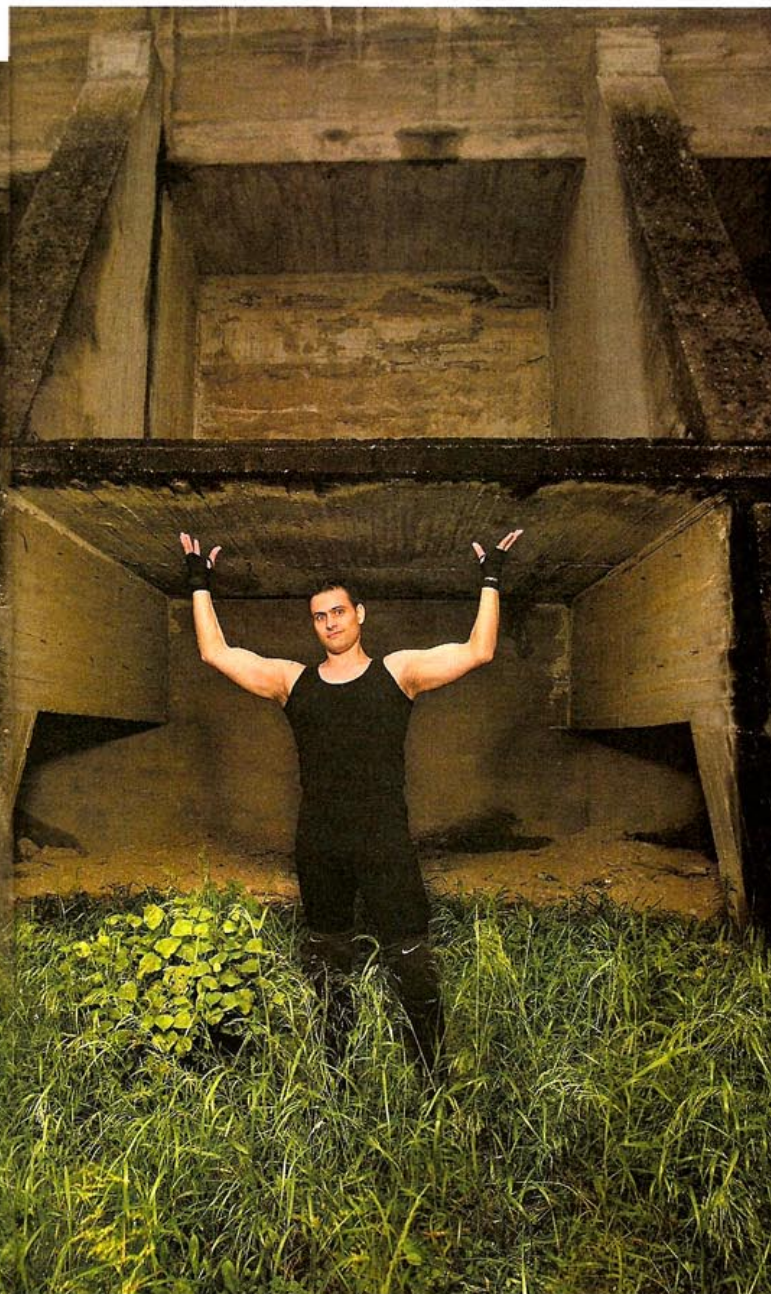
KID JOE (JOÃO SERRA)

Tem 17 anos e é estudante de Ciências Sócio-Económicas. "Nunca chumbei". Pesa 75 kg e tem 1,73m. Consta que tem um grande sentido de psicologia do ringue. Começou a ver "wrestling" na SIC Radical. Fazia musculação havia dois anos. "Eu gostava muito de 'wrestling' e ninguém gostava, por isso encontrei um 'site' que mostrava pessoas a treinarem no ginásio da minha escola, o Liceu Camões. Falei com o autor do vídeo, o senhor João Viegas (Ravel), e foi ele que me começou a treinar." Antes já tinha encontrado um "site" português de "wrestling", de Pedro Pavão, mas, como era muito novo, Pavão sugeriu que ficasse só a ver os treinos. Participou três combates em Portugal e um em Espanha, a convite da APW. Os seus heróis são Benoit e Jamie Noble. "Não são muito dados ao lado de entretenimento (não falam muito), mas fazem um 'wrestling' muito físico e realista." Costuma lutar com uma máscara e vai encomendar umas calças novas, azuis em lycra (a máscara é igual à que Benoit usava no Japão.) No seu golpe final, "Gibson driver", entrelaça os braços do adversário, levanta-o e deixa-o cair de costas.

PAVÃO (PEDRO PAVÃO)

Tem 27 anos e uma licenciatura em Engenharia Informática, trabalha numa empresa de desenvolvimento de aplicações web. Também vem da ETT. E também foi a Inglaterra. "Fomos para lá com a premissa de ser a melhor escola da Europa e no final foi surpreendente o que aprendemos. Ao início foi atribulado, porque a adaptação foi difícil e agressiva."

Treina desde 1999, altura em que conheceu um dos alunos do Tarzan Taborda, o Korvo. Não tem treinado muito desde que começou a trabalhar — além disso, não têm local, antes treinavam cinco horas por semana. Pesa 78 kg. Mas "isto não tem a ver com o peso, antes com a aptidão física e os conhecimentos técnicos que se adquire ao longo do tempo". Apaixonou-se desde que começou a ver na televisão, em 1990 — alguém lhe arranjava cassetes. Na altura não tinha ícones, só ao fim de algum tempo adoptou como herói Randy Savage. Macho Man. O que lhe agrada é o facto de com as suas capacidades conseguir lutar com qualquer combatente e usar várias técnicas e vários estilos de combate. Pavão funciona acima de tudo pela agilidade. O seu golpe final é o "elbow drop", em que cai, com o cotovelo no adversário, da terceira corda.



KORVO (BRUNO ALMEIDA)

Completo 28 anos recentemente e faz formação na TV Cabo. É o mais antigo "wrestler" e provavelmente o mais popular — ao ponto de já ter aparecido no Curto-Circuito a falar da modalidade. Também foi a Inglaterra. É o mais velho aluno da ETT, tendo começado com Taborda em 1998. Como é que lá chegou? Conheceu um ícone da música pimba, o Axel, e através dele conheceu o Taborda — que treinava Axel.

Começou a ver "wrestling" em Novembro de 1991, através de cassetes que lhe emprestavam. No primeiro combate que viu arranhou logo o seu ícone, Bret Art — tinha algo diferente dos outros, porque se vestia de cor-de-rosa e tinha combates que contavam histórias, tinha vários golpes e interagia com o público.

A roupa que utiliza foi feita por uma familiar que é costureira profissional — é em lycra preta. As botas comprou-as numa loja de desporto.

Os adversários preferidos são Pavão e Bammer. Pavão por causa da facilidade de adaptação ao adversário que este tem. Bammer pela possibilidade de fazer outros tipos de combate e por ser mais forte. "Posso sentir-me mais na posição do "underdog".

Golpes: "sharp-shooter", um golpe de submissão, em que as pernas estão entrelaçadas e que provoca dor nas costas ao adversário.

→ a componente determinante — e é mais que sabido que os combates são pré-definidos.

Pedro Pavão, “wrestler” de 27 anos, que foi aluno de Tarzan Taborda, explica que o que define o “wrestling” é o entretenimento. “Na altura do Tarzan Taborda [que foi quatro vezes campeão do mundo e cinco da Europa] era um desporto a sério, sem as regras que há agora, era violentíssimo. O Taborda tinha combates tão violentos que acordava no dia seguinte e não se lembrava de nada.”

Qual, então, o interesse do “wrestling”? A componente desportiva — os praticantes são consensualmente considerados grandes desportistas, com grande complexão e resistência física — e a componente de espectáculo: num evento da WWE há uma música para cada combatente, jogos de luzes desenhados para cada momento, a marcar a entrada de cada desportista no pavilhão, o fim dos combates, etc. E há um pormenor importante: a narrativa.

Bruno Brito, 23 anos, conhecido como “Bammer”, e Bruno Almeida, 28 anos, conhecido como “Korvo”, dois dos mais velhos e importantes “wrestlers” portugueses, destacam a importância da narrativa num combate de “wrestling”: Bammer explica que no “wrestling” é obrigatório criar uma história: “Chama-se a isso psicologia de ringue. É preciso com o corpo conseguir criar emoções, como um filme, que tem várias fases.”

Como é que isto é conseguido? Basicamente, para Bammer, “quem vê muito ‘wrestling’ sabe se os combatentes conseguem contar uma história”. Cada “performer” deve ter um padrão

de actuação, de molde a provocar reacções no público. Ser bom combatente não é o mais importante, até porque a vitória é decidida antes do combate — juntamente com os momentos-chave do encontro, os três ou quatro pontos de viragem em que um lutador perde uma vantagem, ou quando depois a recupera com um dos seus golpes predilectos. Resumindo: é preferível ser detestável a ser indiferente.

Quais os problemas do “wrestling” português, que o impedem de se desenvolver? “Nos EUA há escolas de ‘wrestling’ em cada canto do país — nós não temos escolas”, diz Pedro Pavão. Quando Pavão foi treinar com Taborda, “era no quintal de casa dele”. “Tínhamos um conjunto de colchões, e só posteriormente é que veio o ringue.”

Resumidamente: não têm ringues. Não há propriamente formação, os ensinamentos são passados de uns para

outros. Mandam fazer os seus fatos em costureiras. Há pouco material para treinar. Não há médicos nos combates. “Já vi bombeiros, médicos não. — comenta Bammer — Não há seguros desportivos. Não há controlo “anti-doping”.

As associações fazem-se e desfazem-se ao ritmo

das amizades, em particular porque a maioria dos grupos é constituído por adolescentes de 16 ou 17 anos. Nenhum deles é pago e actuam qualquer sítio, desde terraços de bares à rua, passando por festas académicas no intervalo de actuações de músicos pimba, convenções de “motards”.

João Sena, isto é, Kid Joe (prepara-se para mudar de nome a adoptar Pegasus Junior), uma das mais novas promessas do “wrestling” nacional, reconhece que “infelizmente o ‘wrestling’ está cheio de malta muito nova, que faz as coisas em jardins, aleija-se e dá mau nome. Treinam sem um plano, sem formação”. Segundo Bammer,

para a modalidade evoluir seriam precisos “eventos regulares num sítio fixo para gerar habituação”, já que o público português “ainda não sabe como se comportar”.

Mas isto torna-se complicado por questões logísticas. Há três principais associações: a ETT, aliás Escola Tarzan Taborda, de Korvo, Pavão, Bruno e mais cinco alunos. A APW (Associação Portuguesa de Wrestling), que já tem um ringue, contactos, e é a única associação registada. E a FPW, que é um bom exemplo de como as coisas se processam no “wrestling”: sediada em Sintra, primeiro foram NWR, depois passaram para AWL e agora FPW. Porque é que a associação mudou tantas vezes de nome? Como a maior dos praticantes (no total não passam de 20) são muito novos, as associações fazem-se e desfazem-se ao sabor das zangas e desistências.

A FPW tem mais um problema: já há uma federação registada como FPW, pelo que esta, apesar de estar inactiva, pode processá-los. A primeira pertence ao ex-cantor dos Excesso Axel, que a criou para organizar eventos, embora nunca tenha conseguido organizar nenhum.

Os herdeiros de Taborda começam a organizar-se e a passar o testemunho aos mais novos — que começam a sonhar com a profissionalização. Pelo menos os mentores de Duplo Impacto, o principal blogue português de “wrestling”, já se tornaram comentadores na SIC Radical.■

PUB